

## Índice

Três visões morais que fascinam Silicon Valley .....	1
------------------------------------------------------	---

### Três visões morais que fascinam Silicon Valley

O que une alguns filósofos de Oxford e alguns multimilionários de Silicon Valley? As ideias. Concretamente, três correntes que oferecem argumentos para apresentar como prioridades morais os investimentos em inteligência artificial, em *startups* de reprodução assistida ou em viagens espaciais. Não são as únicas teorias com influência no vale, mas algumas das que mais ressoam agora: o altruísmo eficaz, o longoprazismo duro e o “pró-natalismo” de cariz transumanista.

O altruísmo eficaz ou efetivo (AE) começou a ganhar corpo nos finais da primeira década do século atual. Mas não chamou tanto a atenção dos meios de comunicação como há pouco tempo, quando se soube que importantes magnates do setor tecnológico estão fascinados com a que hoje é a doutrina dominante dentro do AE: o longoprazismo.

O AE surge em resposta a uma inquietação muito viva no mundo da filantropia: como ajudar da melhor maneira possível? Inspirados pela obra do filósofo utilitarista Peter Singer, os seus ideólogos chegaram ao convencimento de que isso significa pelo menos três coisas: ajudar de forma a beneficiar o maior número de pessoas; fazê-lo com o investimento mais rentável dos recursos; e fazê-lo ainda de acordo com uma ordem de prioridades que seja marcada não pelos sentimentos, mas “pela evidência e pela razão”, como gostam de dizer.

Esta filosofia está a ajudar algumas ONG a [gerir melhor os seus recursos](#). Mas o AE não tem só a ver com aplicar a análise custo-benefício à caridade. O movimento age num quadro moral de cariz utilitarista, cujas premissas influenciam alguns debates sociais. Além disso, pelo caminho acaba por colocar

ao mesmo nível bens de entidade diversa. Vê-lo-emos mais à frente.

### Pensadores e iniciativas

Atualmente, a face mais conhecida do AE é o escocês William MacAskill, de 35 anos, professor de filosofia moral na Universidade de Oxford. Juntamente com outros colegas como Toby Ord, Hilary Greaves, Nick Beckstead ou a comunidade racionalista da Área da Baía de São Francisco, têm vindo a formar um movimento intelectual que soube ir à prática com iniciativas concretas.

Em 2009, MacAskill ajudou Ord a implementar a Giving What We Can, uma organização cujos membros se comprometem a doar pelo menos 10 % dos seus rendimentos para ações de beneficência. Em 2011, ambos criaram em Oxford o Centro para o Altruísmo Eficaz, que dá coesão intelectual a iniciativas díspares. Nesse ano, MacAskill também cofundou a 80 000 Horas, que encoraja a empreender carreiras profissionais com grande impacto social.

Outras organizações vinculadas ao movimento são: a The Life You Can Save, fundada pelo próprio Singer; a GiveWell e a Open Philanthropy, cofundadas por Holden Karnofsky, outra referência no movimento; a Animal Charity Evaluators, que aplica os princípios do AE à defesa do bem-estar animal, etc.

## Sê bom: pensa no futuro

O ponto de inflexão do AE chegou quando MacAskill e companhia inspirados pelo filósofo transumanista Nick Bostrom, colocaram o futuro no centro da sua posição ética. A lógica é a seguinte: se devemos fazer o maior bem possível e se a maioria das vidas estão para vir, dado que nos encontramos ainda muito no início da história – pensam –, então temos de dar prioridade às causas a milhares e até milhões de anos de vista.

Daí as novas prioridades do movimento: juntamente com as “curtoprazistas”, como o fornecimento de material médico para os países pobres, ou a luta contra a exploração da pecuária intensiva, nos últimos anos ganharam peso as “longoprazistas”, centradas na prevenção de riscos existenciais para a humanidade: uma superinteligência artificial que se volta contra o ser humano, guerras nucleares, armas bioquímicas, pandemias motivadas por agentes patogénicos criados em laboratórios... E embora também se preocupem com a mudança climática, não a consideram um risco que seja tão ameaçador como esses.

A produção intelectual dos líderes do movimento reflete bem esta evolução. Ao primeiro livro de MacAskill, “Doing Good Better” (2015), seguiu-se “What We Owe The Future” (2022). O primeiro e até agora único livro a sós de Ord é “The Precipice: Existential Risk and the Future of Humanity” (2020).

Nem todos os defensores do AE deram este passo. De facto, [uma das webs oficiais](#) do movimento define o longoprazismo como “uma escola de pensamento dentro do AE”. Mas é evidente que os seus principais pensadores consideram hoje o futuro a longo prazo como “uma prioridade moral chave do nosso tempo”, nas palavras de MacAskill. Daí a sua crescente colaboração com centros como o Instituto do Futuro da Humanidade, fundado por Bostrom, ou o Centro para o Estudo dos Riscos Existenciais.

## Um comboio com destino a Marte

A jornalista Sigal Samuel [emprega](#) uma metáfora feliz para distinguir diversos tipos de longoprazismo. Descreve-o como um comboio para o qual se entra e se sai quão longe se queira chegar. Há uma primeira estação (longoprazismo suave), que é onde se encontram confortáveis todos aqueles que reclamam mais atenção para a sorte das [gerações futuras](#) em assuntos como as pensões, a dívida pública ou a proteção do meio ambiente. Alguns dos defensores mais emblemáticos desta forma de pensar, como o filósofo [Roman Krznaric](#), discordam das ideias de MacAskill e dos seus colegas.

A segunda estação é o longoprazismo duro, centrado na prevenção dos riscos existenciais para a humanidade, que são os que preocupam os filósofos de Oxford. A impressão de Samuel é que estes pensadores minimizam a consequência lógica onde vão desembocar os seus argumentos, quando defendem que uma vida existente na atualidade tem a mesma importância que uma hipotética vida de dentro de mil anos: se o futuro é onde o maior bem pode ser feito, haverá que retirar recursos do presente.

Não se trata apenas de um debate teórico. Na prática, a entrada em cena do longoprazismo marcou uma mudança de prioridades no movimento. A “The Economist” [ilustra-o](#) com dados extraídos de várias fontes: em 2015, a quase totalidade dos donativos feitos por organizações ligadas ao AE foram para a ajuda ao desenvolvimento; em 2022, quase 40 % foram para minimizar riscos existenciais.

Daí não ser exagerada a prevenção da jornalista: sim, preocupemo-nos com o futuro, mas não esqueçamos “a justiça e os direitos humanos básicos” das pessoas do presente. A resposta dos longoprazistas a este tipo de argumentos é: nós estamos preocupados com as causas negligenciadas; nada impede que outros continuem a ocupar-se das de sempre. Ao que se pode responder: sim, mas vocês também querem que muitos os imitem.

Samuel distingue uma terceira estação: o longoprazismo galáctico, que encara como um imperativo moral a construção de colónias habitáveis no espaço para garantir a sobrevivência da espécie humana. Se os de Oxford não parecem interessados em querer chegar tão longe, os entusiastas promotores da corrida a Marte (com Elon Musk e a sua empresa SpaceX à cabeça) andam loucos com a ideia.

## Poder e dinheiro

A viragem para o longoprazismo duro provocou um crescimento exponencial ao AE. Em pouco tempo, a ideia ganhou vida própria e superou em influência a corrente mãe. Um dos pontos mais altos da sua fama aconteceu em setembro último, quando Musk recomendou o último livro de MacAskill, “What We Owe The Future”, que considera “muito próximo” da sua visão do mundo.

Embora MacAskill rejeite a identificação do longoprazismo com a figura do magnate, a verdade é que Musk já está inserido por direito próprio: é um importante doador do Future of Life Institute e contribuiu para fundar a OpenAI, uma organização pioneira no desenvolvimento de uma forma avançada de inteligência artificial (AGI) advogada pelo longoprazismo.

Outro episódio recente que deu fama mundial a esta doutrina foi a estrondosa queda em desgraça do até há pouco tempo

seu principal doador: Sam Bankman-Fried, fundador da plataforma de criptomoedas FTX. Em novembro de 2022, a empresa entrou em bancarrota de forma inesperada. E um mês depois, o magnate acabou por ser detido nas Bahamas a pedido dos Estados Unidos, acusado de defraudar investidores e clientes, entre outras acusações, das quais ele se declarou não culpado. Com residência nas Bahamas, depois da sua detenção nesse país a pedido dos Estados Unidos, aceitou ser extraditado para os mesmos EUA, onde acabou por ser libertado sob uma fiança de 250 milhões de dólares (quantia recorde até hoje em qualquer processo judicial norte-americano) e ter de ficar a residir na Califórnia na casa de seus pais até ser julgado. O seu luxuoso estilo de vida, que foi conhecido nesta altura, desmente a austeridade de que fazia gala.

A notícia constituiu um duro golpe para o prestígio moral do movimento. Contudo, fazendo-se justiça ao AE, recorde-se que [muitos dos seus membros](#) têm vindo há anos a doar pelo menos 10 % dos seus salários a obras de beneficência, uma percentagem muito superior à que dá o doador médio (2 %) nos EUA, um país já de si inclinado para a filantropia. Os próprios MacAskill e Ord impuseram-se a si próprios desde o princípio, um compromisso ainda mais restrito: viver com o que for justo e doar o restante.

Outros multimilionários interessados nesta vertente do AE são: Dustin Moskowitz, que cofundou o Facebook e investiu avultadas somas na Open Philanthropy, uma entidade abertamente longoprazista; Jaan Tallinn, um dos engenheiros que desenvolveu o Skype e que contribuiu para fundar o Centro para o Estudo dos Riscos Existenciais e o Future of Life Institute; Peter Thiel, cofundador do PayPal juntamente com Musk e investidor da OpenIA...

## Tenha filhos e olhe bem com quem

Aparentada com o longoprazismo está outra corrente em alta entre alguns empresários de Silicon Valley: o “pró-natalismo”, uma etiqueta que se presta a equívocos. Pró-natalistas são, desde sempre, os defensores dos valores familiares, que veem em cada filho um bem em si mesmo. Mas o fenómeno documentado pela jornalista Julia Black numa longa [reportagem](#) publicada em “Business Insider” segue por outro caminho: aqui o objetivo é ter muitos filhos “geneticamente superiores” para “salvar o mundo”, o que os aproxima mais da “ficção científica distópica”.

Salvá-lo de quê? Black remete para os longoprazistas de Oxford. De MacAskill esclarece que, embora “nunca tenha apoiado explicitamente o pró-natalismo”, dedica um dos capítulos de “What We Owe The Future” a explicar como o declínio demográfico pode levar à “estagnação tecnológica”, na qual vê um potencial risco existencial. Para o prevenir, MacAskill sugere duas opções: clonar os cientistas “com competências de investigação ao nível de Einstein”, ou modificar genetica-

mente os seres humanos para que possam ter “maiores competências cognitivas”. Também Nick Bostrom lamenta que a natalidade tenha caído entre “os indivíduos com talento intelectual”.

Black menciona Musk – pai de dez filhos de três mulheres – como exemplo de tecnomilionário preocupado com a descida da natalidade entre as elites ricas, mas não consegue relacioná-lo de forma convincente com esta corrente.

## Seleção de embriões

Para a sua reportagem, Black falou com Simone e Malcolm Collins, um casal que se comprometeu a ter entre 7 e 13 filhos com a ajuda da reprodução assistida. A sua defesa de um tipo de triagem genética valeu-lhes a acusação de “eugenistas *hipsters*”. E converteram-se na face visível desta corrente com a implementação da plataforma Pronatalist.org.

De momento, têm três filhos. Para o último nascimento, recorreram a um [teste genético pré-implantatório](#) o qual, segundo a empresa que o comercializa, permite calcular quais dos embriões produzidos num ciclo de fecundação *in vitro* têm menos risco de sofrer doenças poligenéticas como o cancro, a diabetes ou a esquizofrenia. Mas os Collins não se detiveram aí: queriam saber mais sobre a possível “saúde mental e o rendimento” dos seus embriões, como [explica](#) a própria Simone a outra jornalista. Daí terem levado essa informação a outra empresa que analisa o ADN de adultos e continuaram a recolher dados, até terem optado pelo *melhor* dos embriões.

Para os seus futuros filhos contam com uma ampla reserva de embriões. Escreve Black: “Devido ao seu começo relativamente tardio e aos problemas de fertilidade de Simone, sabiam que teriam de congelar os seus embriões para utilizá-los posteriormente. Em 2018, ao que agora se referem como ‘o ano da colheita’, dedicaram-se a produzir e congelar tantos embriões viáveis quanto possível”.

Os Collins estão convencidos de que se avizinha uma “extinção cultural em massa”, durante a qual irão morrer 90 % das culturas existentes por falta de substituição geracional, consoante se [aventuram](#) a dizer na *web* da sua plataforma. Por isso, encorajam a que as pessoas se juntem ao seu Projeto Arca, uma rede de famílias decididas a ter inúmeros filhos, no tipo de lar e através dos meios que forem possíveis (congelamento de esperma, óvulos e embriões, úteros artificiais...).

Não dão muitos pormenores sobre o plano, mas esclarecem que, como espécie dotada de inteligência, os humanos têm a obrigação de “procurar indivíduos que melhorem as nossas deficiências genéticas”. Uma ideia que [inclui](#) a ambição transumanista de “melhorar e transformar a condição humana com tecnologia”, nas palavras dos Collins.

## “Avalanche de *startups*”

A história deste casamento é o nervo da reportagem, mas Black fala de “uma avalanche de *startups* de tecnologia de reprodução assistida [que] está a atrair” magnates do setor tecnológico como Sam Altman, cofundador da OpenAI, ou dos mencionados Tallinn e Thiel. Altman é um dos investidores com notoriedade de uma empresa que aspira a criar óvulos humanos viáveis a partir de células estaminais, o que, entre outras coisas, permitiria a reprodução entre dois homens.

Por detrás desta febre de investimento pode haver ambições menos altruístas do que a de salvar a humanidade. Talvez seja tudo mais simples e tenha a ver com o desejo dos casais ricos de “concretizarem os seus objetivos reprodutivos”, como diz Black. Ou talvez tenha a ver com procurarem alcançar por outros meios o louco sonho transumanista da [imortalidade](#), como sugere Simone Collins na reportagem.

O que fica claro é que este natalismo *sui generis* já é uma das correntes que está a configurar a ideologia e a prática de Silicon Valley.

J. M.